

912

A vida de S^{ta} Marta
Proprio para amadores
Drama sacro em 4 actos e 10 quadros
Original de Cesar José de Campos

Personagens

D. Antonio, fidalgo de Bórbar
Marques dos sete castelos
Florentino, seu criado
Lousbel, com o nome suposto de Rafael Coram
Feiticeiro de Rocha Negra
Cacador dos Bosques
Capitão da quadrilha da Serra
Seu ajudante
Um criado do Marques
Marta de Bórbar
Engracia sua criada (6 annos)
Branca filha de Marta
Uma visão (mulher)
Anjo bom
Saltadores, criados, fantasmas, visões, povo, e satelites
do averno, Diabitos, etc.

Porto, 30 de julho de 1930

Cesar José de Campos

"A Vida de Santa
Marta"



Eduardo A.
Martinho

Cod.
12162

COMPRA
283950

actto 1.º

Scena — uma sala rica bem mobiliada. Uma vassoi-
ra muito grande. está a um canto da scena.

Scena 1.ª

Creada só falando para dentro.

Sim, minha senhora! (Limpendo o pi) O'que grande
trapalhada vai n'esta casa; ninguém se entende. Pa-
rulhos, rathos incessantes que até' faz lembrar que anda
bruxedo. Parece impossivel, eles que se tavam tambem.
Depois que aquele sujeito começou a visitar o patrão,
e que anda sempre a cochichar com ele, esta casa tor-
nou-se um inferno! Não simpatizo nada com o tal
sujecinho... não admira, com aquela cara!... assim
tão feia!... É a patroa coitadinha, quanto sofre?! O
patrão martirisa- n tantemente. Ah! que se eu
soubesse que o causador d'isto tudo era aquele mafarri-
co que parece um macaco, pregava-lhe uma partida.
Será ele o Diabo?!... (o diabo tem aparecido antes. Atravessa a scena
ao E e Sir.) Tu o disseste!

Creada

Uir!

Scena 2.ª

Creada e Marta

Marta

Que tens; porque gritaste?!
Creada

Oi minha senhora; anda o diabo nesta casa. Ainda ha
pouco ouvi a sua infernal voz.

Marta

São sonhos teus.

Creada

Não são, não minha senhora, ouvi perfeitamente.

Marta

Deixa-te de tolices. Ouvi: o senhor D. Antonio saiu,
quando voltar, avisa-me. Podes retirar-te.

Creada (caindo)

Sim, minha senhora, Coitadinha como sofre... parece que já foi desenterrada.

Scena 3.^a

Marta, e depois Branca

Marta

Ai!... que horrível viver o meu! O quanto tempo não tenho socoço... Procuro ser o mais afável possível para meu marido, porém, ele, cada dia que passa se torna mais insuportável. Sofro um constante martírio. Deus! tem piedade de mim. (chora)

Branca (entrando)

Mamã, que tens?... porque choras?

Marta

Sim, estou chorando!...

Branca

Mas porquê? Quem te fez mal?

Marta

Porquê?... Ai! minha filha... são coisas que tu ainda não podes compreender. Ai!... meu anjinho, és tu que me dás coragem para arrostar com esta tormentosa vida. Teu pai era bom... porém agora vai-se tornando o carrasco de nós ambas. Sofrerei! O céu recompensará os meus martírios.

Scena 4.^a

A mesma e criada

Creada

Minha senhora, o sr. D. Antonio acaba de chegar.

Marta

Está bem. Podes retirar-te. Vamos, minha filha; evitemos que teu pai veja as minhas lagrimas. Vamos para o nosso oratório solicitar do altíssimo que se interesse pelo nosso futuro. (cae)

Scena 5.^a

D. Antonio Marques e Florentino

D. Antonio

Chegamos, finalmente. Veem cansados, não?

Marques

Vimos cansados? Arreliados, acabrunhados, e escangalhados!...

Florentino

Bravo!... o senhor Marques, está poeta! Fes um verso.

Marques

Fiz!... Pois olha, não sei por tal. Senhor D. Antonio, resolvi fazer-lhe hoje esta visita, simplesmente para me informar da sua saúde e da ^{sua} familia de V. Ex.^{cia}.

D. Antonio

Agradeço-lhe encarecidamente o seu interesse.

Marques

E sua esposa, a srta. D. Marta, saúde esplendida, não é assim?

D. Antonio

É verdade... antes acontecesse o contrario, e um martirio tenebroso a fizesse desaparecer desta casa.

Marques

Que dizeis D. Antonio?!... Pois desejais...

D. Antonio

Que ela morra para que a minha vingança seja completa.

Marques

Mas porque lhe tendes tanto odio?...

D. Antonio

Porque segundo um amigo meu me tem informado, essa mulher a quem liquei o meu nome, há tempo que me vem traçoando. Oh! mas a vingança será sem limites para desafrontar a minha honra ultrajada. Liviciarei nela toda a minha colera!

Marques

Sinto muito os seus desgostos Sr. D. Antonio, mas nunca supuz que sua esposa praticasse tão cruel traição!

D. Antonio

Aborreço-a! Odeio-a, e não posso consentir que se fale nela, na minha presença.

Marques

Está bem, senhor D. Antonio, mas eu é que não acredito, que sua esposa, que é tão bondosa, parecendo uma verdadeira santa, lhe fizesse uma tão grande infidelidade.

Florentino

Eu pela minha parte, também não acredito...

Marques

Vê, senhor D. Antonio, o meu criado Florentino também não acredita.

Florentino

Eu, sem averiguar bem o que se passa, não digo nada.

Marques

Pois então está calado. Respeita a dor do sr. D. Antonio.

Florentino

Eu respeito muito, mas preciso dizer...

Marques

Não tens nada que dizer... cala-te!

Florentino

Já estou calado! Florentino perdeu a fala!

Marques

(a D. Antonio) - Sr. D. Antonio, custa-me vê-lo assim angustiado, porem, é bom não acreditar em tudo que nos dizem... mesmo ás vezes as apparencias enganam; há sempre quem invente insidias infames. Emfim eu é que não acredito.

Florentino

Nem eu!

Marques

Cala-te!

Florentino

Estou calado!

Marques

Quem sabe lá, como o diabo as tece!?

Florentino

O sr. Marques, o diabo também é tecelão?

Marques

Cala-te!... cala-te, e cala-te.

Florentino

Estou calado... quero dizer estou calado.

Scena 5.^a

Os mesmos e criada
criada

Sr. D. Antonio, está lá em baixo aquele amigo de V.
Ex.^{cia} que há dias visita este palacio.

D. Antonio

Condusa-o para a sala de espera que eu não tar-
do em recebê-lo.

criada (saindo)

Cumpro as ordens de V. Ex.^{cia}

Marques

Sr. D. Antonio, sômos aqui de mais, por isso va-
mos nos embora.

D. Antonio

Retirar-se, o sr. Marques?! Não consinto, esta noite
ficam no meu palacio. Vou ordenar á criada que
lhes prepare os aposentos. Com licença eu volto breve.

(sai cumprimentando.) Os dois imitam no cumprimentando.)

(Marques e Florentino sobem, e dizem)

Logo não, senhor D. Antonio, da melhor vontade.

Florentino (subindo) Marques

volta-se de repente, cumprimenta e bate com o nariz no Marques.) Ora
essa!... não se incomode por nossa causa!

Marques

Cala-te!

Florentino

Estou calado, quero dizer, estou calado!

Marques

Não te parece Florentino, que o sr. D. Antonio anda ilu-
dido... por alguém que deseja perder a Sr.^a D. Marta?

(Florentino conserva-se calado) Não ouviste o que te disse?

Florentino

Estou calado...

4
Marques

Fala, homem, fala...

Florentino

Então o meu amo não está há mais de meia hora a mandar-me calar? Cumpro as ordens de V. Ex.^{cia}. Estou calado.

Marques

Isso já lá vai, agora o caso é outro. Podes falar.

Florentino

Bem, vou falar. A minha opinião é de que o Sr. D. Antonio, trar o diabo no corpo.

Marques

Cala-te, não fales nesse homem.

Florentino

Qual homem?!

Marques

O diabo!...

Florentino

O diabo não é homem...

Marques

Então que é?

Florentino

É o diabo; e dizem que é feio, e parecido com um bode.

Marques

Como estás enganado! Sueres saber quem é o diabo.

Florentino

Ohá se quero. Conte lá isso!

Marques

Pois então, ouve.

Lucifer é um diabo
Que quèria ter o troféio
De revoltar toda a gente
Mandar mais que Deus no céu.

Ambos

De revoltar toda a gente
Mandar mais que Deus no céu.

É mais veloz que o vento
 Mais revoltoso que o mar
 Corre mais que o pensamento
 Ainda sempre bem parar.

4º

É de horrenda formosura
 Tem a forma de cabrito

6º Florentino

Seu Marques não diga mais
 Se não grito, grito, grito!

Florentino

Basta, basta sôr Marques
 Pare lá a descrição.

Marques

É como te digo Florentino, evita sempre teres contac-
 to com o diabo.

Florentino

Olhe sr. Marques, ainda assim, como sou muito curioso
 gostava de ver o diabo. Seria verdade que tem pés de bode?

Marques

É orêlhas de macaco.

Florentino

É engraçado! Por isso mesmo é que eu queria fa-
 lar com esse figurão.

Marques

Cala-te Florentino, não digas isso, senão nunca
 mais me acompanhas para parte alguma...

Florentino

Eu digo isto, porque não tenho medo, nem de 30 dia-
 bos. Se eles aparecessem aqui agora, corria-os a todos
 com esta vassoira. (vai pegar na vassoira que lhe foge) En-
 tão que é isto, o raio da vassoira muda-se sem ao
 menos pôr eseritos? (vai outra vez pegar na vassoira, mas
 esta bate-lhe com o cabo e foge) Venha cá minha menina,
 não se faça esquivar. Oi! ai! ai! a minha cabeça.

Seja em dia turbulento
 Ou mesmo em noites calmas
 Arrastar é seu intento
 Pró inferno muitas almas.

5º

Tem orêlhas de macaco
 Sua boca é um vulcão
 Suas unhas são de gato
 Os seus dentes são de cão.

Se não acaba já com isso
 Caio, caio já no chão.

Marques

É o que te digo; isto já são partidas do diabo.

Florentino (pegando no bonet que lhe foge)
Se eu me não vingar, eu seja ainda mais rão que o bonet. *(o bonet foge)* Oh! sr. Marques, deixe-se de brincadeiras, dê-me o bonet.

Marques

Estás doído, eu não peguei em bonet algum.

Florentino

Mau!... mau!... mau!... Aqui não está mais ninguém, portanto foi o sr. Marques.

Marques

E tu a dars-lhe... Olha, olha! Ah! o tens! *(vendo bonet em sua mão)*

Florentino

Olé meu menino, então você não tem asas e vôa? Se quisesse ter a bondade de descer, muito lhe agradeceria. *(o bonet desce pouco e pouco)* Então, não faça cerimônia, *(vai agarrá-lo)*

Marques

Acredita, Florentino, isto é obra do tal orêlhas de macaco.

Scena 2.^a

Marques Florentino e Creada

Creada

Ah!... que anda aqui o diabo!

(Os dois sem verem a criada tremem muito, e buseando-se dizendo ao mesmo tempo) Cá está ele às voltas comigo.

Florentino

Oh! sr. Marques, fale para ele, peça-lhe que não nos faça mal.

Marques

Fala-lhe tu, que tens coragem para 30 diabos.

(A criada que se aproxima)

Então que é isso. *(os dois gritam e tremem)*

Florentino

(olhando furtivamente) - Ah!... não é diabo, é diaba... e

que boa que ela é. Ah! ah! ah! Sr. Marques não se assuste... não é o diabo.

Marques (tremendo)

Tens a certeza d'isso?

Florentino

A certezinha! É mesmo que fosse diabo eu não tinha medo dele. Olhe para ali; sem receio... é a criada do sr. D. Antonio.

Marques (reparando)

Ah! ah! ah!... é verdade! A menina que deseja?

Criada

O sr. D. Antonio manda dizer a V. Ex.^{cia} que depois da conferencia que tem com o seu amigo, que irá ter com V. Ex.^{cia} ao jardim.

Marques

Poderá dizer-me quem é o tal amigo de D. Antonio que não tenho a honra de conhecer?

Criada

Seu nome é, não sei, o que sei é que ele tem uma cara muito semelhante a do diabo.

(Os dois)

Outro diabo!... nome de padre, do filho, e do espirito santo amem. Ai! Santa Maria, Santa Barbara, S. Geronimo, e nossa senhora d'agrela que não outra como ela, me valham.

Marques

Já aqui não estou bem. Fugamos Florentino, fugamos. (vai correndo)

Florentino (sozinho)

Vai indo meu amo que eu já corro ao seu encontro. A menina se lhe é agradável diz-me a sua graça!

Criada

Seu the far saber isso?

Florentino

Eu sim... eu gosto muito da menina e... por isso

tinha grande satisfação em lhe chamar pelo nome...
ora ahí está.

Creada

Sou Engracia... seu palerma!

Florentino

Muito obrigado, Engracia? Que linda graça!... e tem
muita graça.

Creada

Sabe que mais?... vá a fava!

Florentino

Muito obrigado! A menina nunca se lembrou de
casar... sim é que eu gosto muito de si, e se qui-
resse podia nos combinar o casório... isso é que
era um regalo rio!

Creada

Eu só casarei com um rapaz que me dê um dote.

Florentino

Um dote!... um dote!... Terás tudo que quiseres meu
anjo. Eu á morte de meu amo fico constituído seu
universal herdeiro... Seré Marques e tu Marquêsã!!

Creada

Quem espera por sapatos de defunto...

Florentino

Ora escuta... isto só por musica. *(Musica)*

Florentino 1.º

Creada 2.º

Terás dotes principêscos
Diadêmas com brilhantes
Coches belos bem coirados
Ornados de diamantes.

Que riqueza santo Deus
Até parece um sultão
Ocho pouco o que me ofereces
Pra obteres a minha mão.

3.º

4.º

Dá-me cá um beijo.

Se eu te der um beijo
Que farias tirana

Creada

Creada

Não sou não senhor.

Se te atreveres
Chego-te á favana.

Florentino

Ai ai que desejo

Creada

Quietinho que é melhor.

4. Florentino

Leurida Engracia

Tem do de mim

Lou me das um beijo

Diz já que sim.

Florentino 5

Ufil beijos te vou dar —

Nem que grites por teu pai

creada 5

Estou farta de ouvir-te

Sempre direi... não

cautela florentino

Lou'apanhas bofetão.

Florentino

Oh meu Deus que arrelia

Ou berres por tua tia.

Dame-o sim, sim.

Creada

Dout'o não não

E' tolice mui teimar

Florentino

Eu sou um belo rapaz

Creada

Fega lá a recompensa

(Bofetadas) Lá's trás - trás trás

Florentino sai correndo e gritando por lhe doer a cara)

Creada

Como ele corre! Oh! ah ah Forte tolo. (Sai)

Scena 9.^a

D. Antonio, e Branca

D. Antonio

Ainda cá minha filha, Dize-me: és muito amiguinha de teu papá? Porque me não das um beijo com os teus lábios puros e inocentes, donde nunca saiu a mentira?

Oh!... ao lembrar-me da maldade de tua mãe, sinto despedacar-se-me o coração!... Amaldicoada seja... mas...

(Ao F. Diabo fazendo festos e desaparece a seu tempo) Oh! que horrivel lembranca neste momento avassala o meu cerebro.

Será porventura minha filha esta crianca! Não será filha de um adultério?! (reparando-lhe nas feições) Oh! rai-

va, vai-te!... odeio-te! Cagarrando-a quasi arrependido

7
Mas, não, tu não tens culpa do meu atroz sofrimento. (fica pensativo)

Lusbel

Que o meu poder infernal te transtorne todas as tuas boas ideias. Ordeno-te que odeies e desprezes tua filha. (pai)

D. Antonio

Parece que tenho a cabeça em fogo. Milhares de pensamentos me atrofiam o cérebro. Sim... sim... não haja dúvidas. A minha honra foi ultrajada... os meus braços despedaçados... o meu brio de fidalgo, calcado aos pés... tudo isto requer uma cruel vingança. (sobe)

Oh de ti mulher perjura!... Vou preparar-te sofrimentos que serão inflingidos por algôres, que comprarei a peso de ouro. (Foca no timbre) Odeus creanca... (pausa) Quero beijar-te, mas sinto desejos de te repelir. (dá-lhe um beijo a custo. Creada entra)

Creada

V. ^{cia} chamou?

D. Antonio

Condura essa creanca aos seus aposentos. (Creada cai e D. leva Branca). Sim, meu senhor!...

Scena 10.^a

D. Antonio (só)

Sondarei novamente esse cavalleiro, que se interessa imensamente pela minha honra. Prometeu voltar com a prova da traição de minha esposa... Ah!... mas eu ainda há poucos dias era feliz... porque tudo ignorava... agora, não, porque a sua declaração transtornou para sempre a minha felicidade.

Scena 11

D. Antonio, Creada e depois Lusbel

Creada

Sur. D. Antonio, o cavalleiro que esteve há pouco com V. ^{cia}. Deseja falar-lhe.

D. Antonio

Eil-o!... Manda-o entrar. (creada vai ao F. e indica a entrada a Lusbel. Depois de falar, sai) Lusbel V. Ex^{cia} entrar... Um... tens cara de poucos amigos.

Lusbel

Dá-me licença, Sr. D. Antonio?

D. Antonio

(Corre e passa) - Pois não, dá melhor vontade! (aparte) Este homem é a minha salvação. (alto) Lusbel V. Ex^{cia} sentar-se. Esperava-o ansiosamente para concluir-mos a nossa conversação e da qual resultará, o meu bom amigo, apresentar a prova que tanto desejo possuir.

Lusbel

Sim, apresental-a-hei, mas primeiro jurai-me que desprezardes Marta e a filha... do vosso rival...

D. Antonio

Oh!... não me exciteis o ciúme, pois sinto o imenso desejo de praticar um crime!

Lusbel

Socregai!... Prometeis o que vos pedi há pouco...

D. Antonio

Sim... sim... jurarei mas só depois d'uma prova.

Lusbel

Da traição de vossa esposa?... Pois ouvi-me: Antes do vosso casamento, D. Marta tinha certas simpatias por um moço fidalgo que por essa ocasião foi para a guerra egípcia. Voltou há uns anos, começando a fazer a corte a vossa esposa, sendo amavelmente correspondido... (levantam-se)

D. Antonio (excitado)

E depois?... Oh! que a ansiedade, mata-me.

Lusbel

Depois aproveitando a ausencia do marido, D. Marta recebia, a horas combinadas, o amante ali em baixo no jardim.

D. Antonio

A prova!... a prova!... uma só!...

Lusbel

Esperai!... Uma noite que eu regressava a minha casa, presenciei que um vulto, penetrava no vosso jardim. A curiosidade fez com que abeirasse do portão. Entrei cautelosamente, e por entre as arvores pareceu-me vêr um corpo de mulher. Ocultado por entre os frondosos ramos de uma arvore, vi abraços! e beijos ternos persectiva intercortados por palavras amorosas. Na despedida, ela ofereceu-lhe um anel, que disse ser dado por seu esposo na vespera do casamento.

D. Antonio

(exaltado) - É esse anel?!...

Lusbel

Esperai!... Quando o Conde do castelo Maior se retirava...

D. Antonio

O Conde do Castelo Maior?

Lusbel

Sim, é esse o vosso rival. Quando se retirava precipitadamente, deixou cair um objecto sem que tivesse dado por isso. Curioso sempre procurei e... achei esse objecto. Era o anel que D. Marta lhe acabava de dar. Conheceis esse anel?

D. Antonio

Se conheço?! Mostrai-m'o!

Lusbel

(mostrando o anel) - Será este?

D. Antonio

Sim, é ele! Ah! infame mulher, sentirás todo o peso da minha colera. (passa)

Lusbel

Em troca do serviço que acabo de prestar-vos, exijo que desprezeis vossa mulher e filha!

D. Antonio

Hoje mesmo expulsai-as-hei deste palacio.

Lusbel

Venci!... Vós sois digno de ser amado e de que a vossa honra seja respeitada por uma mulher formosa, perante a sociedade que vos rodeia. Eu sei de uma donzela que vos adora e que pelos dotes de beleza de que é possuída, merecia ser vossa. Se quizerdes aceitai-me para intermediario!

D. Antonio

Sim, já há pouco me falou dela, no jardim! Mas poderei ter a certeza de que essa deidade me consagrará um fiel e terno amor?

Lusbel

Sou eu que vos o afirmo! Duvidais do meu cavalheirismo?

D. Antonio

Creio, sim!...

Lusbel

Quando tiverdes o prazer de a contemplar, ficareis deslumbrado!... É o simbolo da beleza, que encanta e fascina!... porém, é necessario procederdes com muito cuidado e lealdade... Se ela chega a saber que tendes em vossa casa companhia essa mulher e essa creanca ser-vos-há vedado o prazer de gozar essa beleza...

D. Antonio

Juro que hoje mesmo abandonarei esses dois entes que detesto e aborriso. Darei immediatamente ordens terminantes para que saiam desta casa. Mas disse-me senhor, poderei ver essa jovem de que tanto me falais... esse rosto encantador?

Lusbel

Sim, ides vel-a no mesmo instante, mas a sua posse não vos será dada sem terdes levado a pratica a vossa vingança.

D. Antonio

Repito que hoje mesmo me vingarei!

Lusbel

Muito bem!... Cit-a! (tam tam. Aparece uma visão ao F.)

D. Antonio

(com espanto, canta) - Meiga jovem, gentil donzela,
Rosto esbelto, linda e bela
Eu te peço com ardor
Aceita já o meu amor
És um encanto de pasmar
Teu rosto faz tresloucar
Se és mulher, e não visão
Eu te ofereço a minha mão. (Desaparece a visão)

Lusbel

É' bela?!

D. Antonio

É'!

Lusbel

O vosso primeiro pedido está satisfeito. Cumpri agora o vosso juramento. Retiro-me e quando precisardes de mim invocai meu nome que eu aparecerei. Chamo-me Rafael Coram, Conde do Castelo da Rocha Negra. Até à vista. (Desaparece, tam tam)

D. Antonio

Não posso surridar do que este homem diz. Não sei que pensamento oculto me atrai para a beleza que há pouco extasiou meus olhos. Oh! principia uma vida nova para mim! Imediatamente desterrarei mãe e filha... não as quero tornar a ver.

Scena 12

Os mesmos Marta, e Branca

Marta

Aqui estou com tua filha, desterra-nos mas afirmo-te que estou inocente!

D. Antonio

Inocente! e és tu mulher astuta e adúltera que te atreves a dizer inocente... eu tenho provas.

Marta

Que provas?

D. Antonio

As entrevistas noturnas, o anel oferecido...

Marta

Tudo infâmia! Tudo mentira!

D. Antonio

E não tem vergonha^{de} ainda tentar-me uma vez iludir-me... a mim... que sou a única vítima da sua traição?!

Marta

Deus é testemunha da minha inocência.

D. Antonio

Repito, não quero tornar a vê-la, nem ouvi-la.

Marta (passa)

Antonio aos reus nos tribunais nunca lhes é negado a defesa, mas tu a mim nem sequer me tens interrogado para eu me defender. Procedes duma maneira atroz e desumana. Não me queres em nossa casa? O teu desejo é desterrar-me? Pois bem faça-se a sua vontade. Já que não posso defender-me, nem vingar-me dos meus inimigos, abandonarei esta casa, e correrei errante por montes e vales, até que Deus, compadecido do meu penar, me corte o fio da existência. Peço-vos senhor que protegeis este inocente... é a vossa filha!

D. Antonio (passa a 2)

Saiam imediatamente desta casa, nem mais uma palavra. Não quero ou ver mais nem mãe nem filha!

Marta

Ai! minha filha... não desterrar-nos para sempre... mas fica certa meu anjinho... que teu pai, o nosso maior algór se arrependerá. Quando a nossa alma separada da matéria voejar errante pelo espaço, a alma de D. Antonio, nosso tremendo carrasco na terra, correrá penando e arrependida ao encontro das nossas... flores já será tarde. (Chorando de joelhos) Sr. D. Antonio, pela ultima vez lhe peço que tenha dó.

Festa creancinha.

D. Antonio

Porventura tiveste do meu pobre coração esfacelado pela dor... Oh! não!... não!... evita a vossa odiosa presença... Sereis desterradas... e por todas sereis desconhecidas e desprezadas. Saíam imediatamente.

Marta

Fica-te homem perverso... és um ser sem coração. És pior que as feras; essas não abandonam os seus filhos como tu acabas de fazer. O remorso te punirá. Adeus recordações do passado!... Adeus tudo quanto amei. Vamos minha querida filha, aqui já nada nos pertence. (antes um pouco tem aparecido Lusbel, a tentar D. Antonio.)

D. Antonio

(cai no sofá, e levanta-se, indo por onde saiu Marta, chamando.)
Branca! Branca! minha filha!... Adeus para sempre! (vem cair no sofá ficando em atitude triste e pensativa)
(aparece a visão)

Lusbel (rindo)

Oh! ah! ah! (indicando a visão) Sobre D. Antonio, que não pôde resistir ao laço que lhe armei. Agora está pensando naquela mulher!... Com ela acabarei de te perder... Tua alma pertencerá ao inferno.

Anjo

Enganas-te Lusbel, a alma de D. Antonio pertencerá sempre ao céu.

Desce o pano

Fim do 1.º acto

Acto 2: Cena 3:

A scena representa um bosque - Fusilam relampagos; ribomba o trovão. Marta entra com a filha; vem amedrontada.
A seu tempo sordina na orchestra.

Scena 1.^a

Marta e Branca

Marta

(muito dramatico e comovente) - Que horrivel tempestade, meu Deus! A que condição me reduziu a malvades de meu esposo! Oh! quanto tenho sofrido! Há quanto tempo vagueio errante pelos campos e florestas, padecendo frio e fome! Se não fôras tu, minha filha já teria terminado com a existencia.

Branca

Mãe!... mãe!... tenho fome!...

Marta

Cala-te, minha filha!... Eu que não tenho um bocadinho de pão para dar a esta creança! Minha filha, para alivio das nossas maguas vamos rezar e pode ser que o céu se lembre de nós, fazendo com que alguém venha em nosso auxilio. De teu pai nada temos a esperar... pois acusa-me de adúltera e a ti meu anjinho despreza-te, porque dis que não és sua filha! Que horror, que homem tão bárbaro! Oh! meu Deus!... perante vós juro que é falsa tam caluniosa accusação, mas apesar d'isso, não sinto odio por ele... perdoai-lhe meu Deus tam grande peccado! Pesa com tua mãe, querido anjo. Deus de misericordia vós que na plenitude da vossa bondade perdoaste a Magdalena arrependida; vós que benignamente tendes tido compaixão de todos os peccadores, volvei para mim os vossos olhares misericordiosos, dai o socorro de alma a que tem jus uma innocente; se meu marido foi tentado pelo maligno espirito das trevas, se se desviou da estrada do bem, tocaí-lhe senhor, o coração para que se arrependa e repare o mal que fez! (levanta-se)
Oh! parece que estou mais animada. É Deus que do seu

trono celeste vela por minha filha... Vamos, caminhemos até encontrar alguém que nos mate a fome. *(vai a sair mas recua ao ouvir cabitar fora sem musica)*

Scena 2

As mesmas e salteadores que entram, ao som da orquestra)

Vagueando pela serra	Com desassombro profundo
Haja frio ou calor	No meio da solidão
Vamos levando na terra	Roubamos a todo o mundo
Uma vida de pavor	Jamais tendo compaixão
Nesta vida misteriosa	Lebrigando um viandante
Arreina-se a existencia	Quanca n'os com destresa
Mas em noite tenebrosa	E logo no mesmo instante
Roubamos sem consciencia.	E' considerado nossa presa.

(Marta conserva-se um pouco oculta e muito assustada.)

Capitão *(vendo Marta)*

Que fareis aqui mulher!?

Marta *(assustada)*

Eu senhor!?

Capitão

Sim, e quem é essa creança?

Marta

É minha filha senhor... mas não a mateis, não!

Capitão

Vem uma mulher sóinha, por estes montes desertos, faz-me suspeitar... Que fareis por estes sitios?

Marta

Abandonada por meu marido, que me despresou, tenho caminhado ao acaso e parei aqui, procurando um asilo onde me fosse licito chorar e lamentar as minhas desditas, sem que ninguém visse as minhas lagrimas.

Capitão

Quem é então o vosso marido?

Marta

É D. Antonio de Bórbir...

Capitão

D. Antonio?! Oh! senhora éreis vós que procurava-mos. Há dias que vosso marido, nos procurou e ofereceu uma grande porção de dinheiro para vos procurar e matar-vos! Leve fatalidade!

Marta (Dando um grito cai de joelhos)

Ai!... tende compaixão de nós!... sou inocente!

Capitão.

Socegai senhora!... Ficai certa que não vos faremos mal... Os bandidos também tem coração, e muitas vezes sabem praticar a caridade. Contai com a minha protecção; apesar de ter recebido dinheiro para vos matar depois de vos ter inflingido tormentos atrozes, socegai!... Os salteadores das serras também tem humanidade! Aqui tendes dinheiro! Rapazes! Esta senhora é digna dos nossos respeitos, e se alguma vez a tornarem a encontrar socorrei-a se lhe for necessário!

Todos

Sim, sim! meu capitão!

Marta (De joelhos)

Obrigada, senhores!... obrigada pelo bem que acabam de praticar.

Capitão

Levantai-vos e tende fé em Deus que nunca abandona os desgraçados. Agora rapazes... a caminho e não esqueçam as minhas ordens.

Todos

Sim, sim, a caminho. (saem)

Marta

Vamos, minha filha; procuremos um abrigo, onde possamos conseguir descansar as nossas fadigas. (saem)

Scena 3.^a

Lusbel depois Feiticeiro -

Lusbel (tam-tam)

Tenho perseguido na senda do mal, para perder a alma de D. Antonio; mas o outro, o enviado do céu tem transtor-

nado sempre as minhas tentativas. Por isso resolvi vir aqui ordenar ao feiticeiro meu auxiliar, que me coadjuve. A sua caverna existe num destes rochedos. O meu poder é grande, e todas as fúrias do inferno estão prontas a cumprir as minhas ordens. Evocuemos o feiticeiro. A mim Feiticeiro da Rocha Negra. (tam-tam. A pedra mais alta abre transformando numa caverna infernal)

Feiticeiro

Que me queres, Leusbel?

Leusbel

Que me obedêças. Cuve: vais prestar-me um serviço e espero que sejam cumpridas as ordens que eu te der.

Feiticeiro

Sim, mas que essas ordens sejam em condição de segurança!

Leusbel

Tens razão, porque até hoje todos os nossos planos tem sido frustrados. Cuve: não podem tardar aqui uma mulher e uma criança, tenta-as de forma que possam ser minhas.

Feiticeiro

Sim!... mas com que elementos posso contar para exercer essa tentação?!

Leusbel (dá-lhe um alfinete)

Orqui tens este alfinete, cujo poder misterioso é já por ti conhecido. Coloca-a na cabeça da criança e ela desaparecerá.

Feiticeiro

Serão fielmente cumpridas as tuas ordens. E a mãe dessa criança?...

Leusbel

Essa vou preparar. He um rodeio infernal em que ela cairá sofrendo d'uma horrível paixão. Uma vez conseguindo isto, nunca mais deixará de pertencer-me. D. Antonio está perdido... Mais um esforço e todos serão nossos. Agora parte e até à vista.

Feiticeiro

Sim, até à vista. (pai, tam-tam)

Lusbel

Continuemos na senda do mal. Vamos a caminho do bosque dos fantasmas a concluir a perdição de D. Antonio. (Sae, tan-tan) *Mutação para jardim*

Scena 4.^a

Marques - Anjo - Fantasmas e depois Florentino

Marques - (fora chamando)

Florentino!... O' Florentino! (Entrando e tropeçando) Safa!... não me entendo com estes caminhos tão sombrios! Aqui só canta a coruja e pia o môcho! Ai! senhores... des de que saí do palacio de D. Antonio tem-me acontecido tantas e tantas peripécias que parece impossivel como ainda estou vivo. Há uns poucos de dias que procuro o meu palacio e não sou capaz de o encontrar, e agora para maior desgraça perdi-me do meu creado.

Florentino. O' Florentino! (vai a sair e aparecem da direita dois fantasmas.) Ai! ai!... que carantonhas são aquelas que para aqui se dirigem? Toca a safar por este lado. (Quando se volta vê mais fantasmas que avancam lentamente.) Ai!... ai, que hoje é o fim da minha vida... Estão a olhar para mim... Deus queira que me achem feios e que fujam... para meu socego. (acercam-se do Marques ao som da introdução da musica.)

Côro de fantasmas

Quem será o atrevido

Quem será o confiado

Que se atreve a penetrar

Neste logar tão sagrado.

(batendo-lhe)

Uma vez que vieste aqui

Vamos dar cabo de ti.

Te filarêmos - Te arrastarêmos - a nossa caverna -

Te afogaremos - como a um cabrito numa cisterna.

Marques (tremendo)

Que fantasmas tão farrêtas, vão-me ao lombo com as mulêtas... (Fazendo cruces e querendo fugir.) Credo...

cruzes... quem me livra destes malditos fantasmas.

Anjo (aparecendo)

Eu que protejo os perseguidos pelo diabo! (os fantasmas fogem e o marques muito admirado) Ah! até que enfim! Mas quem sois vós que tendes tanto poder?!...

Anjo

Não te admires, sou o teu anjo bom que venho livrar-te das garras de Lousbel.

Marques

Ai, meu rico anjo, já que podeis tanto, fazei com que o meu criado Florentino que se perdeu de mim, volte a fazer-me companhia.

Anjo

Descansa que eu farei com que ele venha aqui ter contigo. Ouve. (o anjo sai Florentino fora) Sr. Marques... o Sr. Marques!

Marques

Estou aqui Florentino. Sem cuidado, não caias abaixo desses penedos!

Florentino

Não caio, não... eu caio lá nessa... (vindo cair na scena.)
Ai, ai, ai, sr. Marques, hoje é o dia das desventuras.

Marques

Eu bem te disse que caías.

Florentino

Eu não caí... trambulei... Ai sr. Marques, desde que me perdi tenho sofrido torturas sem conta. Ainda há pouco me apareceram umas caras de macaco, que não tive remédio senão correr tudo à lambada. Aquilo foi pontapé para a direita, e galheta para a esquerda, que até Deus se admirou. Tenho me visto em falpos de aranha... Mas desde que encontrei o meu rico anjo, sou-me por satisfeito.

Marques

A mim também me apareceram umas carantonhas feias como bodes, que me deram tantas bofetadas que me deixaram a cara a arder.

Florentino

O sr. Marques... que lugar é este?

Marques

Não sei ao certo; mas pelo que me tem acontecido supponho estar mos no reino dos fantasmas...

Florentino

Fantasmas? ai! ai! que já aqui não estou bem.

(vai a fugir, mas o marques agarrá-o)

Marques

Onde vais tu Florentino?

Florentino

Va correndo, por não poder voar! Oii quem me dá ter asas.

Marques

Então querias deixar-me só?... Pensas que tenho medo? (tremendo)

Florentino

Bem sei que não... ora espera; o sr. Marques está a tremer que nem varas verdes...

Marques

Não faças caso, são maleitas...

Florentino (treme)

Oii, ai, senhor Marques!...

Marques

Que tens?... Porque tremes?

Florentino

Não faça caso, são maleitas.

Marques

Já vejo que se apêga esta doença...

Florentino (assustado)

Oii! ai!...

Marques

Que é, Florentino? o que é?

Florentino

Eu... é... um fantasma.

Marques (tremendo mais)

Oii minha rica carinha que vais levar mais lambada!...

Florentino

Oh! sr. Marques, não tenha medo, que o fantasma era eu...

Marques

Safa que susto me meteste!... Sabes o que te digo Florentino?... é que tenho um sede abrasadora!

Florentino

Vem sede?... Vou ver se encontro agua! *(aparece uma fonte)*

Olha!... olha!... cá temos uma fonte, venha refrescar-se sr. Marques.

Marques

Oh! que grande felicidade! Toma sentido em quanto eu vou beber.

Florentino

Já estou a tomar...

Marques

Estás a tomar, o quê?

Florentino

Sentido... e depois vou tomar agua...

Marques *(aproximando-se da fonte)*

Deve ser fresquinha... Florentino enquanto eu bebo espreitas tu! Depois bebes tu e espreito eu.

Florentino

Faz-me lembrar a cantiga: agora viras tu, e agora viro eu...

Marques

Não brinques Florentino... pode vir por ahi algum fantasma... Espreita... que eu vou beber...

Florentino

Está bem, está bem, beba que eu espreito. Não tenha medo, que eu também não tenho. Lá vou espreitar. Venha quem vier, com seiscentos diabos... *Prrrr...* eu sei lá o que é medo... *(tremendo)*

Marques

Leá isso é verdade, tu és um valente! *(aparte)* Vou-lhe pregar um susto... *(vai por tras dele)* Um fantasma!

Florentino (tremendo)

Ai... credo em cruz... santo nome de Jesus...

Marques (vindo)

Não tenhas medo Florentino, sou eu!

Florentino

Apre!... que susto... mas pode beber... pode beber...
que eu cá estou firme no meu posto. Continuo a não
ter medo.

Marques (depois de beber)

Ai! que agua tão fresquinha!...

Florentino

Bem, agora espere o sr. Marques, que eu vou beber...
Veja bem; não apareça por ali algum fantasma. Vou
lhe pregar um susto. (vem por tras dele) Ai! um fantasma
sr. Marques.

Marques (vindo)

Pois sim... rala-te... eu bem sei que és tu.

Florentino

Ai! outros fantasmas!...

Marques

Venham quantos quiserem... eu não tenho medo.
Ah! ah! ah!

Florentino

É mais fino do que eu... Bem, então espere que eu
vou beber... (tam-tam da ponte sai fogo) Ai, ai, ai, que
nesta ponte está o diabo.

Marques (cheio de medo)

O diabo!?!... Fugamos Florentino, fugamos! (saem ambos)

Scena 3.^a

Diabo depois Marta, filha e D. Antonio - tam-tam)

Lusbel - alcapão)

Apesar da minha astucia, não consegui ainda tor-
nar-me senhor da alma de D. Antonio. Porém, se
este meu plano saiu frustrado, eu juro que ele
em breve será meu escravo. (vai - alcapão, ao lado)

Marta

Meu Deus, acabai com este meu sofrimento, e desta infeliz creança!

Branca

Mamã, estou muito cansada... tenho muito sono!

Marta

Sim... a fadiga e o cansaço são originados pelo constante padecer. Deita-te e rocega um pouco sobre esta pedra meu anjinho. (deitando-a) Como é horrível lutar assim pela existência. Porque me não chama Deus à sua divina presença? Oh! que louca eu sou, como posso eu miserável pecadora, apresentar-me no tribunal do altíssimo! Só a continuação do sofrimento me dará a devida recompensa. Filha!... nos teus sonhos inocentes pede aos anjos do céu que solicitem de Deus o seu divino perdão. (escutando) - Alguem se dirige para aqui... parece meu marido... Sim, sim, é ele.

D. Antonio

Ela?!... Como está palida!... São os remorsos da sua traicão... Nem parece a mesma. Sofre!... Sofre!... ente abjecto!... És maldita pelo crime infame que cometeste!... (Marta durante esta fala tem ido ver se a filha dorme.)

Marta

D. Antonio, meu esposo, vens para me levares na tua companhia? Terminou o meu sofrer?!...

D. Antonio

Não!... venho confundir-te. Tinha pago a uns homens para te tirarem a existencia; esses miseráveis não cumpriram as minhas ordens!... mas foi peor para ti que tens tido maiores sofrimentos.

Marta

D. Antonio, juro-te que estou inocente.

D. Antonio

Miseravel!... ainda ousas dizer que estás inocente! Aqui tenho bem presentes as provas da tua infame traicão. Conhece este anel... oferecido ao seu amante? Conhece

tambem esta carta em que lhe declarava o seu amor? Oica o seu conteúdo. *(Lê a carta)* Meu querido Conde de Castelo Maior; espero-te esta noite às 11 horas na floresta do meu jardim, Tua Marta.

Marta

Essa carta é uma infamia destinada a destruir a nossa felicidade... Oh!... que horrivel trama!!

D. Antonio

Atreves-te a negar a tua assignatura?!... És uma mulher perversa? Este anel, alianca do nosso casamento que eu confiei á sua guarda... quei foi que o ofereceu ao seu amante?!

Marta

Oh!... é horrivel tudo quanto acabo de ouvir... eu endoidoço... não sei... não sei... *(chorando)* Estou inocente... estou inocente... Aqui há uma complicada traicão que eu não posso explicar!... *(pausa)* Pois bem, julgas-me culpada?... continua a lançar-me ao mais cruel desprezo... Só te peço uma coisa... dá ao menos a benção a tua filha!...

D. Antonio

Minha filha?!

Marta

Sim, tua filha!... Dá-me a benção, e uma esmola para matar a fome!

D. Antonio

Nem uma nem outra coisa. Vou retirar-me... e esta carta vou entregal-a a vossos pais... pois deve ser uma honra para o nome dos vossos antepassados. Adeus! ah! ah! ah! *(Pae)*

Scena 6.^a

Os mesmos e depois Lusbel e Feiticeiro - tam-tam)

Marta tem desmaiado)

Marta

D. Antonio!... D. Antonio! Oh! *(Desmaia)*

Lusbel

Est-as ao teu dispôr... A filha dorme... a mãe está desmaiada; prosegue na tua tentação que eu vou seguir D. Antonio. A carta que ele ha pouco leu á esposa foi também obra minha para acabar de o convencer. & Conclue agora a tua obra, obra e que eu te indiquei. Eu de longe terei as vistas sobre ti. (sai) tam-tam)

Feiticeiro

O poder de Marta é grande!... Tem a defendel-a a innocencia e a virtude e ainda o genio do bem que vela pelo seu futuro; no entanto vou tentar perdê-la, com o poder da minha magia.

Marta (despertando)

Meu Deus que horrivel sonho subjugava o meu espirito. (vendo o Feiticeiro, assusta-se) Jesus!... um homem... Quere-rá roubar-me a minha filha?

Feiticeiro (rotando o capus)

Socega, irmãsinha, venho pedir-te uma esmola.

Marta

Uma esmola? Sois então pobresinho?... mas eu não tenho que vos dar!...

Feiticeiro

Paciencia minha irmã... Ah!... que linda creanca... É vossa filha!!

Marta

É sim!... gostais muito dela?!

Feiticeiro

Muito!... Deixai-me dar-lhe um beijo!

Marta

Dai-lhe quantos for de vosso desejo!... (aparte) Mas quem será este homem?... Um ladrão talvez! (Desce. e o Feiticeiro sobe; metendo o alfinete na cabeça de Branca esta desaparece) Estão cumpridas as ordens de Lusbel. ah! ah! ah! (sae)

Scena 2.a

Marta, Lusbel e depois Anjo

Marta

Branca, minha filha!... Oh! meu Deus!... resti-

tui-me a minha querida filhinha! que aquele
homem me roubou!

(tan-tan) Leusbel (entrando)

Que tens mulher?... Que te aconteceu?

Marta (chorando)

Roubaram-me a minha filha... a vida da minha
vida!... A alma da minha alma!

Leusbel

E tens-lhe muito amor?

Marta

Ai!... Se tenho!...

Leusbel

Fois bem; em nome do amor que nutres por essa
criança abandona a doutrina do crucificado e os con-
selhos desse anjo que te segue, e tua filha ser-te-
ha entregue no mesmo instante!

Marta

Prevenção à Mutação

Não!... Isso nunca! Subirei ao píncaro das mais pe-
rigosas montanhas... atravessarei os perigos do vas-
to oceano... descerei aos profundos abismos da terra,
a procurar a minha inocente filhinha, mas não
me desviarei da sacrosanta doutrina de Cristo!

Co diabo torce-se, Marta sai correndo)

Leusbel

Ah! ah! ah! Corre, busca, que de nada te valerá,
tua filha está em meu poder!... e nunca mais
a verás!

Anjo (aparecendo)

Enganas-te Leusbel! Branca está salva!

Leusbel

Ah! ah! ah! salva?!... não pode ser, porque foi
por minha ordem lançada ao fundo do mar.

Anjo

Fois bem!... visto que suridas do que afirmo,
vou mostrar-te a verdade!... Vê! (Faz um gesto

1. Mutação. O anjo sobe. - gloria. Vista de mar. Vê-se uma barca puxada por um enorme cisne branco. Dentro vai Marta e Branca e um anjinho ao leme.

Lusbel (fica desesperado)

Oh! maldição! (Diabo e Anjo ficam em prose.)

Coro e Marta.

Deixa correr a barquinha
 Não vociferes Lusbel,
 Porque junto ao leme vai
 Quem sabe vogar o batel!
 Marta corre sobre as águas
 Aliviando suas máguas.

Fim do 2.º acto

Acto 3.º

Scena 1.ª

A scena representa um palacio. Uma cadeira ao centro que serve para o Marques estar sentado. Florentino e creados em volta do Marques

1.º

Musica - coro

Marques 2

Abanai sem descansar
 Com destresa, mas com geito
 Para o Marques refrescar
 Do calor que tem no peito
 Abanai até parar
 (bis) O calor que tem no peito.

3.º

Vai já Florentino
 Ai, ai, que calor

Ai Jesus que aflicção
 Até me custa a respirar
 Eu ardo como um vulcão
 Se deixam de abanar
 Fende por mim compaixão
 Ai! não deixem de abanar.

4.º

Depressa menino
 Chamar o doutor.

Florentino

Mas qual medico quer V. Ex.^{cia}? O que mora em frente ao palacio?

Marques

O animal, esse não porque é um veterinario!

Florentino (a um criado)

Forá depressa, chamar um medico. Trá o primeiro que o encontráres.

Marques

Ai, Florentino, estou afrontado, afrontadissimo!

Florentino

Tambem eu sr. Marques. Tambem eu estou afrontado, e não tenho coragem para afrontar esta afrontação.

Marques

Ai! Florentino, abana... aqui... que parece que desta não escapo!

Florentino (choramingando)

Ai!... ai!... que o meu rico amo vai esticar a canela! ai! ai! ai!

Marques

Socega homem... não te aflijas!...

Florentino

Aflijo-me sim, porque o seu estado causa aflicção! (a criado por cada vez) Um medico! Depressa, cada um por seu lado, á procura d'um medico. Vamos seus linguicas! (os criados caem todos correndo. Com um fole soprando) Abra a boca senhor Marques, para entrar o ar.

Marques

Sim, Florentino, abro tudo que tu quizeres! Mas eu não queria que entrasse coisa alguma... o que eu desejava é que caísse... esta aflicção!

Florentino

Então abra tudo para entrar e sair... isso são gases!

Scena 2ª

Os mesmos, creados e a seguir Lucifer que traz uma enorme seringa oculta. Os creados veem correndo um por cada vez.

Todos dizem: Ah! vem o medico!

Lucifer (com uma caixa de instrumentos cirurgicos) - Vamos a ver se consigo ferdel-os!

Florentino

O senhor mata gente, veja se consegue aliviar o meu amo que está muito mal.

Marques

Ai! Doutor!... Ocuda-me senão sou um estouro que nem uma peça de artilharia!

Florentino

Ai!... ai!... ai!... que o sr. cbarques apagou-me a moléstia, Também me sinto muito doente.

Lucifer (apalpando)

Então em que parte sente o mal?

Marques

É aqui!... Mais abaixo... mais ao lado!... ahi!... ahi!...

Florentino

Ai!... ai!... ai!... ahi não!... aqui... aqui é que me dói!

Marques

Ai! que dor me dá na barriga!

Florentino

Ai!... que dor me dá no umbigo!

Lucifer

O marques está muito mal!... e o seu creado também. Precisam de ser chisterizados!

Florentino

Clis... clis... quê?

Marques

Chisterizados... é o mesmo que dizer... apanhar um clister!

Leusbel

É isso mesmo.

Florentino

Mas, isso é coisa que se cõma?

Lusbel

Não!... só se engole!

Florentino

Então vamos lá engulir!

Lusbel

Conduzam o Marques para o seu quarto. (os criados levam-no) Lusbel mostra a seringa)

Vamos à operação. Eis aqui o aparelho! isto hade fazer o milagre! (cae) (a cadeira desaparece alcapão.)

Florentino

Que é lá isso?! Então vamos ser seringados?! Oh! senhores!... isto não é doutor, é um seringador!

Nada, vou primeiro ver a operação no Marques, e se me não agrada, não é o filho do meu pai que se sujeita a ser seringado! (cae, Ouvem-se os gemidos do Marques)

José criado)

Safa que espiga!... que grande seringadela, o doutor applicou no Marques!... e quer applicar a mesma a todos nós. Nada!... Farto de ser seringado ando eu... ainda se não fosse naquele sitio... sim senhor... (cae)

Centra Lusbel

Lusbel

Ah! ah! ah! Loucos que me não conheceram!

Havéis de ser todos meus! O clister que lhes applicuei servirá para os conduzir a morte. ah! ah! ah! Desta vez o meu inimigo ficará derrotado! Todos estes seres irão habitar as profundezas do Averno.

Scena 5^a

Marques Florentino e criados

1.º

Marques (cantando)

Olhem pra isto

Florentino 2.º

Oi maldito doutor

Então não cai

Fiz-me o bandedelho

Assim na esparrela

(bis) Tal qual um tambor.

Deixou-me a barriga

(bis) Mesmo uma panela.

(os dois, e coro)

É tudo por causa da seringa dela.

Marques

Médico maldito
Endiabrado clister
Fôr-me num estado
Tal qual uma mulher.

Florentino

Seria enquico
Oh! quer-me parecer
Sou fui transformado
D'homem pra mulher.

Repetem os primeiros versos e termina a musica)

Lusbel, (fazendo gestos)

Vou pôr-os todos a dançar até morrerem de cansaco.
Dançai. (Todos dançam e vão saindo. A scena transforma em bos-
que depois de arder o palacio)

Mutação

Quadro - Bosque. Trovada e def relampagos. É ma
dingada

Scena 4^a

Marta e filha

Marta

Oh! meu Deus! que medonho temporal começa a de-
sencadear-se!... Eu com esta infeliz creanca sem ter
quem nos dê guarida!... temos caminhado errante-
mente, sofrendo martirios incessantes, sem que meu
marido tenha compaixão de nós. Oh! meu Deus! tem
piedade de mim e desta creanca. Sou obrigada a cum-
prir esta condenação, estando eu inocente. Vós que do
alto me escutais sabeis perfeitamente que eu não sou
criminosa... por isso tocai no coração de meu mari-
do, com o vosso dedo omnipotente, para que ele se
arrependa de todo o mal que me tem causado, e tam-
bem a sua desgraçada filhinha. (Deita-se depois de deitar
a filha) Eis em que se transformou a minha fausto-
sa vida. Em vez d'um palacio, tenho os bosques e os
montes por habitação; por leito as duras pedras das
serranias e por cobertura, o firmamento. Paciencia...
Dorme filhinha, dorme.

1.º

Caçador

Medonha vai a noite
 Enquanto não surge o luar
 Vai fugindo a tempestade
 Já não sinto o ribombar
 Estrondoso do trovão
 Cantarei minha canção

(Entrando)

Vai abandonando a tempestade. Não tarda o amanhecer... portanto é melhor demorar-me por estes sitios até que desponte o sol. Leue vejo?! Uma mulher e uma criança dormindo neste deserto sobre a acção dos rigores da tempestade.

Marta (despertando)

Leuem está ahí? Leuem vem perturbar o sono de creaturas tão desgraçadas como inofensivas? São os espiritos maus que me perseguem? Ah!... Deixai-me... Deixai-me.

Caçador

Mulher ou visão! Leuem quer que sejais podeis socegar, porque eu não venho em vossa perseguição!

Marta

Ah!... então não sois um enviado do averno?!...

Caçador

Não!... sou simplesmente um ser vivente da terra que vindo gosar as maravilhas naturais destes bosques se dedica ás grandes caçadas!... Foi o acaso que aqui me conduziu. Sou Gabriel de la Roque. O caçador dos bosques.

Marta

Gabriel de la Roque? Não me é estranho o vosso nome.

Caçador

Porém disse-me: Como vos encontráreis n'este deserto, e com uma noite destas?

2.º

Nasce risonha a aurora
 Para todos dá prazer
 Só eu triste desgraçado
 Vivo sempre a padecer
 Canta o terno passarinho
 Para mim não há ventura
 Sofrerei até morrer. (bis)

Marta

Condenada, injustificadamente, por meu marido, assim venho a muito tempo vagueando pelos desertos, sofrendo os horrores do frio e da fome.

Cacador

Mas, senhora!... tendes-me aqui para proteger-vos. Quereis sair d'estes lugares?

Marta

Oh!... não!... Deixai-me ficar. Deixai que eu e esta pobre creanca continue sofrendo a condenação imposta por' meu marido. Julgo que pouco tempo poderei viver! O sacrificio na terra, me dará a recompensa no céu!

Cacador

Dizei-me: quem é o vosso marido?

Marta

É D. Antonio de Borbár!

Cacador

O quê?!... Sois esposa de D. Antonio de Borbár?! Será possível?!

Marta

Sim, eu mesma! Sou Marta de Borbár!

Cacador

Desventurada mulher! Senhora!... se não vos sou util para nada, permite que me retire; antes fozem desejava esferecer-vos... (vai a dar-lhe dinheiro)

Marta

Uma esmola?!

Cacador

Não!... não é uma esmola... é apenas uma pequena quantia para ocorrer a vossa subsistencia, e dessa desgraçada creanca! Aceitai sem escrúpulo. Agora só vos recomendo coragem para resistir, e resignação para afrontar a continuidade dos vossos sofrimentos. Confiai no altissimo que ele não se esquece dos que sofrem! Adeus querido innocente!...

(beijando branca) Adeus infeliz senhora!

Marta

(sobe) - Obrigada senhor!... Uma esmola, uma esmola com o disfarce de dádiva!... mas que fazer se eu e minha pobre filhinha temos fome?!... Já amainou a tempestade... continuemos nesta triste perigrinação, até que o altíssimo toque com o seu dedo onnipotente, o desumano coração de D. Antonio! Vamos, meu anjinho!... (pega na pequena e sai)

Scena 1.^a

Marques e Florentino

Agora são músicos ambulantes. Sem tocando nos instrumentos podendo ser bamba e trombone)

Florentino

Oh!... sr. Marques que infelicidade. Depois que ardeu o palacio de V. Ex.^{cia}, temos passado enormes privações. Agora para não morrer-mos de fome, tivemos de descer ao triste officio de músicos ambulantes.

Marques

Tem paciencia, Florentino... São voltas que o mundo dá. Ainda assim se tivéssemos quem dessem atenção às modas que tocamos, vá... mas qual... Quando começamos a tocar, o povo foge de nós, como o rato foge do gato... Bom; vamos afinar os instrumentos.

Florentino

Eu afinava, mas era a barriga, que a trago de todo desafinada! Oh! sr. Marques? para que tom afinamos?

Marques

Para tom de dó!

Florentino

Para dó!... Quando ninguém tem dó de nós!...

Marques

Então muda para sol.

Florentino

Oh! sr. Marques! Não lhe parece que a sombra estaríamos melhor?!...

Marques

Eu não te falo do sol da sombra, nem da sombra do sol!... é do sol da musica!

Florentino

Então vamos lá... afinar p'ro' sol! (afina)

Marques

Tu não estás em sol, estás em mi...

Florentino

Oh!... estou em si?... então, mi... lá... vai para o sol. (afina)

Marques

Está muito bem. Agora, enquanto não chega gente para nos ouvir, vamos fazer as contas dos nossos apuros...

Florentino

Em apuros estou eu... por não termos apurado quasi nada... pudera!... pois se nós ainda só temos duas gaitadas!...

Marques

Florentino, anda assistir às contas.

Florentino

Não é preciso; eu não desconfio do sr. Marques...

Marques

Cala-te, Florentino, agora não se toca.

Florentino

Muito bem. Então vá lá contando, enquanto eu espri-
to; não vá aparecer por aqui algum gatuno! (Marques
conta o sinheiro. Florentino observa a scena) Ai!... sr. Mar-
ques, sr. Marques!...

Marques

Leve é, Florentino, que é?

Florentino

Esconda o sinheiro nos canos das botas!

Marques

Para quê?!

Florentino

É que se dirigem para aqui uns homens, com aspecto de salteadores!...

Marques

(metendo o dinheiro nas botas) Diabo... então toca a raspar!

Florentino

Por aqui, sr. Marques, por aqui! (pegam nos instrumentos e saem)

Scena 6.^a

Capitão e quadrilha

Capitão

Rapazes!... as coisas não tem corrido bem! Há dias que não temos feito a menor colheita.

Um salteador

É verdade capitão!... andamos com pouca sorte. Ah! que se apanho algum, nem a camisa lhe deixo!...

Capitão

Tens razão. Ora escutai! (canta)

Capitão — Se vier algum viandante.

Todos — Viandante

Capitão — Em qualquer ocasião

Todos — ocasião

Capitão — É logo no mesmo instante
Sem medo deitar-lhe a mão

Todos — É logo no mesmo instante
Sem medo deitar-lhe a mão.

Capitão

Ora é assim mesmo. Bem sabeis que hoje se realiza uma grande feira, na vila vizinha; por isso sem duvida passar por aqui alguns feirantes bem recheiados, e...

Salteador

Logo que passe o primeiro, a nossa obrigação, é aliviar-o, não é assim? E eu então que não tenho comigo senão coitão nas algibeiras... estou mesmo a precisar de massas grossas... (roba e observa para fora da scena)

Capitão

Não és só tu que precisas, eu também necessito de dinheiro para comprar uns brincoes para aquela pessoa que sabes; e ai de mim se lh'os não der!

Salteador

Meu capitão?...

Capitão

Leve queres?...

Salteador

Achei um ninho!...

Capitão

O que é?...

Salteador

Estão ali dois homens escondidos!...

Capitão

Agarrem-os, e tragam-nos aqui! (Salteadores caem, menos o capitão, que depois de culir, diz) Vamos a ver quem são os passaros.

Scena 7.^a

Entram todos trazendo Marques e Florentino agarrados.)

Florentino

Larguem-me, seus macacos fehudos!

Marques

Deixem-me, Deixem-me!... Eu não lhes devo nada!

Salteador

Capitão, cá estão os melros!

Marques e Florentino

Deixem-me!... Larguem-me!...

Capitão (apontando-lhes uma pistola)

Leuetos, quando não...

Marques

Leual quietos, nem qual diabo... Deixem-nos!

Capitão

Leuetinhos, já disse, senão pontic-lhes a cabeça a cheirar a polvora!...

Florentino

Ai!... a minha rica cabeça que vai servir de paiol!

Marques

Ai! meu toutico que vai servir de patrona!

Capitão

Pelo que vejo sois musicos ambulantes?

Florentino

Sim, senhor, somos ambulatórios!

Marques

Sim, senhor, somos uns desgraçados ambulatórios!

Capitão

Muito bem! É a respeito de dinheiro, quanto levam?

Florentino

Eu nenhum; Quem o leva é aqui o meu amo!

Marques

Tu também já o tens levado!

Capitão

Onde é que ele o leva?

Florentino

Não sei, não sei... não digo nada... porque se eu disser que o meu amo leva o dinheiro nos canos das botas, ele zanga-se!...

Marques

Maldito!... comprometeu tudo... É mentira!

Capitão

Revistem-os!... aquele tirem-lhe as botas! (Revistam os dois tirando as botas ao Marques)

Marques e Florentino

Larguem-me, larguem-me, seus macacos!...

Marques

Oh! meus ricos senhores, deem-me as minhas botinhas senão tenho de ir descalço!

Florentino

Então vocês, levam-me a gaita?

Capitão

Levamos sim!

Marques

E o meu bombo?...

Salteador

Sim, e mais que fosse...

Florentino

Ai! sr. Marques, o que ha de ser de nós?! O sr. sem bombo, e sem gaita?

Marques

Eu sei lá... Olha vamos cantar a Maria cachucha.

Capitão

Dai-vos por muito felizes por vos deixar-vos ficar as vidas.

Florentino e Marques

Muito obrigado.

Capitão (cai com a quadrilha)

A caminho rapazes.

todos

A caminho. (caem)

Marques (chora)

Ai, as minhas ricas botas, e o meu rico bombo!

Florentino (chora)

Ai, o meu rico dinheiro, e a minha rica gaita!

Marques

Oh! Florentino, empresta-me os teus sapatos...

Florentino

Nessa não cai o filho de meu pai!...

Marques

Está bom, não te zangues! Vamos embora. Ai o meu rico bombo! (chora)

Florentino (chora)

Ai, a minha rica gaita! (vão a cair. tan-tan, aparece Leusbel)

Scena 8.^a

Os mesmos, e Leusbel

Leusbel

Porque choras?

Florentino (recua assustado)

Ai!... outro ladrão!

Marques

Nós, meu senhor, ia-mos para uma festa governar a nossa vizinhança e fomos surpreendidos por uma quadrilha de ladrões que nos roubaram os instrumentos, e até me deixaram sem botas e sem dinheiro.

Lousbel

E quereis dinheiro para resgatar os instrumentos?

Florentino

Oh!... sr. Marques, diga-me que sim, e depois vá comprar umas botas com ele...

Marques

Dinheiro?... Queremos sim, meu senhor!...

Lousbel

Visto aceitarem, ahí o tem... mas com uma condição!

Marques

Qual é?

Lousbel

No vosso caminho deveis encontrar uma criança, e uma mulher, assim, com trages de mendiga... mal vestida. Quero que as matem; depois vinde procurar-me que eu vos darei muito dinheiro!

Florentino

Diga-me que sim!

Marques

Que dizes?

Florentino

Que se não oponha aos seus desejos. Depois frega-se-lhe o cão!

Marques

Sim, meu senhor, será cumprida a vossa vontade!...

Oh!... Florentino, vamos matar.

Florentino

O bicho?... vamos lá...

Marques

Não homem, matar a mulher, e a criança!...

Florentino

E para já! (ambos cumprimentam) Meu senhor... (saem)

Scena 9.^a

Lousbel - depois Marta e Anjo

Oh! estes também já quasi que me pertencem! Desde que aceitaram o meu dinheiro... não de ser meus. Agora

partamos ao encontro do meu ajudante para que se apreste para coadjuvar-me. (vai a cair.) Mas espera... é Marta que se dirige para aqui... (Marta entra) Oh! mulher!... agora serás minha; ninguém te valerá. O teu anjo protector, neste momento não te livrará do meu poder.

Marta

Deixa-me, deixa-me... não me tentes, maldito Satanás!...

Leusbel

Juro-te, em nome de todas as fúrias do Averno, que me pertencerás... O poder do inferno, triunfará!... A mim e aos espíritos infernais. (tam-tam, aparecem 4 ou 5 diabos) Apoderem-se dessa mulher, e conduzam-na ao nosso reino! (os diabos rodeiam-na, e agarram-na)

Marta

Jesus!... Jesus!... (os diabos torcem-se)

Leusbel

Oh!... cala-te mulher! Pertences-me!... Levem-a!...

Anjo (aparecendo)

Vá para trás, espíritos malignos! (os diabos fogem)

Leusbel

Oh!... maldição! (Marta ajoelha e fica em oração.)

Anjo

Marta, nunca te pertencerá!... Agora já ela pertence a Deus!...

Leusbel

Maldito!... que te atravessas sempre no meu caminho!... Mas o teu poder baqueará!

Anjo

O meu poder, é mais forte que o teu, porque é o criador que aqui me envia a proteger Marta!

Leusbel

Oh! mas estou vingado, porque o Marques, e Florentino, teus protegidos, já me pertencem... foram por mim conduzidos ao caminho da infâmia!

Anjo

Ainda desta vez, perderte a partida!... esses dois também já seguem o meu caminho!...

Lousbel

Impossível!

Anjo

Duvidas?!... Pois então repara, ... vê!... Caponta para o F. que transforma, deixando ver Marques e Florentino a cavalo num leão)

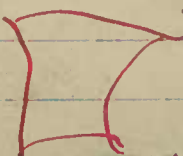
Lousbel

Maldito seja!... (torce-se. Anjo fica em pose)

Marques e Florentino

Adeus, s' diabo! Cai o pano!

Fim do 3º acto


acto 4º

A scena representa um cemiterio.

Scena 1ª

Florentino (foia) Depois Marques

O' sr. Marques, sr. Marques, (dentro) Por mais que chame não me responde! Não há que ver, perdê-mo-nos outra vez... e agora parece-me que foi para sempre!...

Ora a minha vida!... Tenho passado trabalhos e mais trabalhos... se ao menos eu atinasse com um bom caminho...

Mas que sitio é este? Ai Jesus!... estou num cemiterio...

Campas, e mais ~~as~~ campas!... Oh! meu Deus! aonde eu vim parar! *ouve dar horas e conta até 12 badaladas*) Meia

noite. Horas em que os vivos se deitam e os mortos se levantam. *Caparece uma mão que lhe dá na cara*) Ai!... ai!...

que hoje é o fim da minha vida! Está a indicar-me o caminho que devo seguir. E' por ali? Muito obrigado!

(*Contra mão do outro dá-lhe uma bofetada*) - Ai!... ai!... os mal-
ditos fantasmas não deixam de perseguir-me! Crêdo,
cruzes, canhoto! (*As mãos desaparecem*) Ai!... ai!... que eu
morro de susto!... Levem tem a culpa disto tudo é o sr.
Marques. *Corre-se passos fora a voz do Marques, chamando por
Florentino*) Ah! é a voz de meu amo; já não tenho mē-
do! (*sobe*) Estou aqui meu amo, estou aqui.

Marques (entrando)

O' Florentino, como vieste aqui parar?

O' Florentino *Florentino*

O meu amo é que teve a culpa!...

Marques

Foste tu, maroto. Não vês que para aqui só veem os
mortos!

Florentino

E os vivos não veem?... Então nós que somos?...

Marques

Bem, anda por aqui e tem cuidado que te não percas,
outra vez de mim. (*Saem*)

Mutação para bosque

Scena 2ª

Lusbel depois D. Antonio.

(*tam-tam*) - É aqui o lugar aporçado para o encontro com
D. Antonio!... Ainda não chegou. Alguem se dirige
para aqui, Deve ser ele. Ocultemo-nos!

D. Antonio (entrando)

É este o lugar onde ele me mandou vir ter. Não deve
tardar. (*chamando*) Rafael Coram aparece.

Lusbel

Leve me queres?...

D. Antonio

Leve cumpras a tua promessa, entregando-me essa
fada que tanto adoro!

Lousbel

Não te posso fazer entrega dela, sem que essa mulher que foi tua esposa, desapareça do numero dos vivos.

D. Antonio

Mas tu prometes-te fazel-a desaparecer!...

Lousbel

Hoje mesmo deixará de existir! Logo que ela morra cumprirei a minha promessa, e neste mesmo lugar entregar-te-hei essa fada que tanto amas!

D. Antonio

Bem, então até á vista Ruffel Coram!

Lousbel

Sim, até á vista. (Cobe e repara para fora da scena) Ah! ahí chegam os dois peregrinos. Vou tental-os de novo, e juro que não de ser meus. Oculta-se

Scena 3.^a

Marques e Florentino

Marques

Tu bem te dizia Florentino, que o caminho não era este. Era mais para a esquerda, depois em frente, voltando para a direita; a seguir para cima e depois para baixo... e depois para baixo e para cima, voltando á direita e á esquerda.

Florentino

Não diga mais sr. Marques... eu já percebi tudo... Direita esquerda, em frente!... esquerda direita, em frente, ordinario marche! Parece mesmo um exercicio de militares! Sabe o que lhe digo?... é que não estou disposto a acompanhal-o mais! O sr. Marques é que é o culpado!

Marques

Está bem, não te agastes... Sendo eu o culpado merecia uma grande bofetada! (Capacece-lhe uma mão que lhe dá uma bofetada) Se mais depressa a pedias, mais depressa a levava!...

Florentino

Ah! ah! ah! que grande mão!!... É maior que uma pata d'um elefante. Quem tem uma mão assim, também deve possuir um valente nariz. (Capacece o nariz)

e espirra... Atchim.)

Marques

Olha, ali o tens!... Mas que grande bicanca!... Tã-se
já embora seu nariçanga... (para a mão) É você também?

Florentino

O sr. Marques não sabe falar com esta familia. Louge
ver como me obedecem?!... Ex.^{ma} e gigantissima D.^a
Mauruda, queira ter a bondade de se retirar para cal-
car uma luva branca. (a mão retira-se Ex.^{mo} e atrevi Sissi-
mo D. Nariçã, queira ir visitar a familia para que
lhe encha as suas reverendissimas ventas de rapê.
(uariz espirra e pae) Safa!... parece um trovão!

Marques

Sim, senhor!

Florentino

Isto é que é saber mandar!

Marques

Isso é verdade!... lá para essas coisas tens jeito! Sabes
o que te digo, eu de tanto que tenho andado, até já sin-
to fome. Se aparecesse por ali uma alma caridosa que
nos desse de comer!... (tam-tam aparece uma mesa com comida)

Florentino

Isto é só pedir por boca... é boquinhas que queres, co-
ração que desejas. Aqui está a mesa e a comida... sr.
Marques.

Marques

Oh! que grande felicidade! Vamos comer antes que
arrefeça! (pousam os bonês na mesa) Vamos trinchar.

Florentino (descendo a scena)

O quê?... vamos pichar? Vamos lá. (pincha)

Marques

Não é isso... vamos partir a carne para comer.

Florentino

Mas sr. Marques... que qualidade de carne é aquela?

Marques

Vamos ver e comer, que eu já estou com apetite!

Comerei ainda que seja carne d'urso!... (a mesa desaparece)

Florentino (reparando)

Então a mesa foi-se!... Oi que lá levou os nossos bonésinhos! Isto são partidas do diabo!

Marques

Roubaram os instrumentos, e o dinheiro, vem agora a mesa e rouba-nos os bonés!... Vamos embora Florentino, vamos embora. (Os bonés aparecem um no nariz e outro na mão)

Ah! ah! ah! cá está o meu boné!...

Florentino (olha para o outro lado)

E o meu também, sr. Marques!...

Marques

Obrigado, ^e sua mão!...

Florentino

Obrigadíssimo gigantíssimo narizão. Agora vamos, põe-mo-nos a caminho, sr. Marques!

Marques

É para já... antes que nos levem outra vez os nossos bonésinhos! (vão a cair)

Scena 4.^a

Os mesmos e Lusbel

Lusbel (entrando)

Vindes buscar o resto do dinheiro que vos prometi?

Florentino

Nós não precisamos do seu dinheiro...

Lusbel

Porque não mataste a mulher que vos indiquei?

Marques

Porque não somos assassinos!...

Lusbel

Ah! malditos, vocês mas pagarão!

Florentino

Oi! sr. Marques, este homem parece o diabo.

Lusbel

Que me queres?

Marques

Ai!... ai!... é o Diabo é. O Florentino, far como eu fi-
zer e verás como ele gosta. (fazem cruces dizendo ambos) - Figas!...
figas, Semonio!... Cruces satanás! (saindo)

Lusbel (torcendo-se)

Ah! maldição! Ainda desta vez não os pude tentar.
Mas juro que em breve hão de ser meus. (sae)

Scena 5.^a

Marta e depois Lusbel

Marta

Ai!... meu Deus, tornaram a roubar-me a minha que-
rida filha! Quem será o miseravel que tenta vingarse
s'um innocente?!... (chora)

Lusbel

Que tendes mulher?... Porque chorais?..

Marta

Roubaram-me a minha filha!

Lusbel

Tua filha foi vendida como escrava, e para a resgatar é
necessario muito Dinheiro.

Marta

É horrivel o que me diz!... Mas não... não pode ser!...

Lusbel

Infelizmente para ti assim é!... Leueres Dinheiro para o
seu resgate?

Marta

Leuero sim... mas quem poderá dar-me esse Dinheiro?...

Lusbel

Eu!... ali o tens! (atira-lhe uma bolsa com dinheiro. Caparte)
Se te abaixas para apanhar o Dinheiro perdes-te!...

Marta

(abaixando-se e pega no Dinheiro, e levanta-se a custo) - Este Dinheiro es-
calda-me as mãos! Não sei que sinto. (cai prostrada)

Lusbel

Está concluida a minha primeira vingança (sobe) O
mim feiticeiro da Rocha Negra!

Feiticeiro

Caparece com uma criança nos braços) - Que me queres?

Lusbel

Cumpre as minhas ordens. Vai imediatamente e mete essa criança n'uma caldeira. (admira o rosto da criança) Como é linda esta menina. São assim os que mais me agradam!... Parte!...

Marta (vendo a filha)

Que vejo?!... a minha filha!! (corre para ela mas Lusbel coloca-se na frente) Branca, minha querida filha!...

Lusbel

Feiticeiro!... essa criança á caldeira.

Feiticeiro

Cumprirei as tuas ordens!

Marta

Filha, minha querida filha! (Sinnaiá)

Lusbel

Está quasi concluida a nossa obra; partamos. (Descem ambos Calapão)

Marta

(Perantando-se pouco e pouco ao som da harmonia. Louca) Roubaram-me a minha filha! Perdida!... perdida para sempre! (reparando) Alguem se dirige para aqui. Ah! é o meu algôe... vem, vem acabar com tanto sofrimento.

Scena 6.^a

Marta e D. Antonio

D. Antonio

Ela!... parece louca! Marta, Marta minha esposa!

Marta

Que tens aqui fazer?... Tens assassinar-me? Vai-te!... és um monstro!

D. Antonio

Querida esposa... arrependido de todo o mal que te causei, e reconhecendo a enorme culpa dos meus pecados, venho pedir-te perdão!

Marta

Perdoar-te?... Pois eu hei de perdoar a um pai que mandou matar sua filha?

D. Antonio

Eu?... então minha filha...

Marta

Mataram-a! mataram-a!...

D. Antonio

Oh!... filha da minha alma!... que te não torno a ver! Marta perdoa-me!

Marta

Perdoar?... E poderei eu infima creatura, servir-me da palavra perdão?... Adeus! Orarei ao senhor, pedindo que te perdoe!... Os anjos chamam por mim!... vou unir-me a eles... Deus, me está esperando!... (cae)

Scena 7.^a

D. Antonio, Lusbel e depois Anjo

D. Antonio (corre ao F.)

Marta, Marta, surge-me! Oh! maldito seja quem foi a causa de eu abandonar minha esposa e filha!... Maldito Satanás!

Lusbel (entrando rapido)

Que me queres, D. Antonio?

D. Antonio

Retira-te Satanás!... Não me tentes mais!

Lusbel

Desconheco-te D. Antonio... Para esqueceres-te do facto que fizeste comigo, e que a tua alma já me pertence?

D. Antonio

És um embusteiro! A minha alma pertencerá unicamente a Deus! Fui por ti iludido!... Sou um grande pecador, por me desviar do santo caminho do céu, porém, sinceramente arrependido, peço perdão a Deus! (ajoelhando)

Lusbel

Cala-te!... Cala-te!...

D. Antonio

Vai-te, miseravel embusteiro, seica-me em paz!

Lusbel

Nunca! Eu triunfarei!... e a tua alma descerá comigo aos infernos!

Anjo (aparecendo) PREVENÇÃO ~~###~~

Enganas-te, Lusbel!... a alma de D. Antonio irá prestar contas a Deus! O seu arrependimento salvou-o e o creador nunca nega o seu perdão aquelles que se arrependem! Antonio por ali é que é o teu caminho! Vai sem receio que estás debaixo da minha protecção. (Antonio sai, e vai ajoelhar-se na gloria final)

Lusbel

Não!... não pode ser!... Antonio, Marta e a filha pertencem-me!...

Anjo

Todas essas pessoas, são creaturas do cío! A filha que tu á pouco entregaste ao feiticeiro teu ajudante foi-lhe arrebatada dos braços pelo meu poder!...

Lusbel

Impossivel!... Impossivel!...

Anjo (sobee)

Não crês em mim?... Então repara... vê!!

Mutação

Lusbel aos pés do anjo. Marta e filha sobem por entre nuvens, Antonio Marques e Florentino formam a gloria, deve haver dois anjinhos

Lusbel

Ah! maldição!

Côro final

Gloria aos altos céos,
Glorias ao Deus e Senhor!
Foi salva S.^{ta} Marta,

Obra do Creator!
Gloria a s^{ta} Marta
Dei^{us} Redemptor!

Fim do 4.^o e ultimo acto

Foi copiada pelo Sr. Fortunato
Victorino de Souza
em 18-7-1930

U/1/1/1



Coel.
12162

